

# José Ramalho

*Gabriel Miranda<sup>1</sup>*

Ramalho acorda cedo e mora longe  
No café da manhã, tem a companhia  
de sua esposa, suas filhas  
e da esperança de dias melhores  
que costumam chegar  
No ônibus lotado, ele espera calado  
E atravessa a cidade para trabalhar  
Sessenta anos, terceirizado  
Trabalhador superexplorado  
Sem idade para se aposentar  
Retratos de um Brasil  
Que no ano de 2019  
Parece só afundar  
E no ônibus lotado  
Ele continua a esperar

Ramalho tem nome de artista: Zé Ramalho

---

1 Discente do curso de Doutorado em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, Natal) e, atualmente, em estágio doutoral na École des hautes études en sciences sociales (EHESS, Paris).

Mas na meritocrática  
sociabilidade do capital  
Não haveria de ter lugar ao Sol  
para outro Zé Ramalho  
Para um: microfones e holofotes  
Para outro, que é também outros  
Flanela para limpar o chão  
Quando muito: arroz e feijão  
A mistura? Frustração!  
Tá servido o prato do peão  
Para um, matérias em revistas, jornais  
Programas de tevê e tudo mais  
Para outro(s), salário mínimo, no máximo  
e invisibilização. Quer não?  
Tem outra opção: seu retrato estampado  
em programas policiais.  
Tá bom ou quer mais?  
Encontro Ramalho às nove da matina  
Luva na mão, joelhos no chão  
Na cabeça, não sei, talvez preocupação  
Um pária brasileiro, urbano  
Não indiano. Ou sim, talvez. Mas não!  
Ninguém se importa em saber  
QUAIS SÃO SEUS SONHOS  
apenas em destruí-los  
Não é mesmo, seu Jair?!

Bem-vindos ao Brasil dois mil e dezenove  
Que acumula em suas 500 primaveras

longos invernos: genocídio, escravidão,  
ditaduras, social-liberalismo, ILUSÃO...

Ilusão... Esta palavra que  
Uns carregam sem saber  
E outros oferecem  
Ingenuamente ou  
sabendo o que estão a fazer  
E Ramalho continua  
com afinco a limpar  
o chão que pisamos  
E transitamos sem  
nos preocuparmos  
com quem o limpa  
Não sabe ele que  
sua luta pela sobrevivência  
É ao mesmo tempo  
Uma guerra contra si  
Ou sabe, talvez sem saber  
Que aquele trabalho  
Seu suado e sofrido trabalho  
Que reza para não perder  
Ao ser seu ganha pão  
É, ao mesmo tempo,  
uma adaga que perfura seu peito  
E o mata lentamente, dia após dia.